

Tradução do alemão por PG, revisão e edição por CN, 27.12.2017

(original em <http://www.stalinwerke.de/Diverses/stalinsbeitraege.html>)

---

# **Contribuições de Stáline para a Ciência Militar e Política Soviética (XXIII)**

**Ulrich Huar**

## **Capítulo II**

### **A «segunda frente»**

No seu relatório sobre 25.º aniversário da Revolução de Outubro, de 6 de Novembro de 1942, Stáline referiu a inexistência da 2ª frente como principal causa das derrotas das tropas soviéticas na Primavera e Verão de 1942.

Os alemães podiam «*reunir todas as suas reservas e enviá-las para a Frente Leste*». A «*ausência de uma segunda frente na Europa*» dava-lhes «*a possibilidade (...) de realizarem esta operação sem qualquer risco. A razão principal dos êxitos tácticos dos alemães na nossa frente este ano consiste no facto de a ausência de uma segunda frente na Europa lhes ter dado a possibilidade de enviarem todas as reservas livres para a nossa frente e criarem uma grande superioridade de forças no sector sudoeste.*»<sup>1</sup>

As questões da abertura de uma segunda frente em França foram parte importante da troca de correspondência entre Stáline e Churchill e Roosevelt. A partir de Julho de 1942, a troca de palavras entre Stáline e Churchill adquiriu um tom intenso e mesmo polémico.<sup>2</sup> A razão prendia-se com o início de novos ataques do grupo de exércitos B na direcção de Stalingrado e do grupo de exércitos A na direcção do Cáucaso. Na frente germano-soviética amadurecia uma batalha decisiva. No seu memorando a Churchill, de 13 de Agosto de 1942, Stáline evocou o comunicado conjunto anglo-soviético, de 12 de Junho, publicado durante visita de Mólotov a Londres, no qual se apontou a abertura de uma segunda frente na Europa durante o ano de 1942.

O objectivo era obrigar os alemães a retirar tropas da Frente Leste e assim aliviar a situação das tropas soviéticas. No planeamento das suas operações de Verão e Outono, o Alto Comando soviético contou com a abertura da segunda frente na Europa em 1942. A recusa do governo britânico em abrir uma segunda frente na Europa constituiu «*um duro golpe moral para a opinião pública soviética, dificultou a situação do Exército Vermelho na frente e os planos do Alto Comando soviético.*»

---

<sup>1</sup> SW 114/284.

<sup>2</sup> *Correspondência entre Stáline, Churchill, Attlee, Roosevelt e Truman 1941-1945*, Berlim, 1961, p. 75 e seg. (De seguida «*Correspondência*»).

As dificuldades sentidas pelo Exército Vermelho devido à recusa em abrir a segunda frente em 1942 «*sem dúvida que também contribuiriam para o agravamento da situação militar da Inglaterra e dos outros aliados...*».

O ano de 1942 oferecia, na sua opinião e na dos seus colegas, «*condições favoráveis para a abertura de uma segunda frente, porque quase todas as tropas alemãs, e entre elas as mais poderosas, se concentravam na Frente Leste; na Europa ficou um número insignificante de tropas, que eram também as mais fracas.*» Não se podia saber se no ano seguinte continuaria a haver condições favoráveis para a abertura da segunda frente. «*Consideramos possível e necessário abrir a segunda frente já em 1942.*»<sup>3</sup>

Churchill, na sua resposta a Stáline, de 14 de Agosto, alegou que a «*Operação Torch*», ou seja, o desembarque de tropas anglo-americanas no Norte de África que teve lugar em Outubro, também era uma forma de preparar «*o caminho para o ano de 1943*». E apresentou uma justificação táctico-militar de que um desembarque no Norte da França, em 1942, seria «*arriscado e inútil*», já que não forçaria os alemães a retirar tropas da Frente Leste.

Negando que ele, a Grã-Bretanha e os EUA tivessem «*quebrado*» alguma «*promessa*», Churchill invoca o parágrafo 5 do seu memorando para Mólotov, de 10 de Junho de 1942, no qual se diz «*expressamente*»: «*Não podemos por isso fazer nenhuma promessa*». Alega ainda que só as conversações sobre uma eventual «*invasão anglo-americana na França neste ano*» (1942, UH) teriam «*retido consideráveis forças aéreas e terrestres [da Wehrmacht, UH] na costa do canal francês.*» Por fim garante «*ajuda aos nossos aliados russos por todos os meios possíveis*».

Nesta troca de correspondência deve estar-se atento às datas. Stáline referiu-se aos compromissos assumidos no comunicado anglo-soviético de **12 de Junho**, Churchill retorquiu com uma nota a Mólotov de **10 de Junho**, ou seja, um documento entregue a Mólotov antes do comunicado conjunto. Churchill só refere o parágrafo 5 dessa nota. Contudo, no parágrafo 8, que Churchill não refere, está claramente a obrigação da abertura de uma segunda frente, como «*o mais importante de tudo*», no âmbito da qual se previa um desembarque de tropas britânicas e americanas no *continente europeu* «**em grande escala em 1943**».<sup>4</sup>

As formulações de Churchill são de tal forma vagas que têm de ser interpretadas. A afirmação de que só «*as conversações*» (!) sobre uma invasão da França teriam levado o Alto Comando alemão a manter «*forças aéreas e terrestres consideráveis*» no Norte da França não é séria. Como se a equipa dirigente fascista se deixasse impressionar por «*conversações*»!

Nos primeiros oito meses de 1942, os EUA deslocaram para a Grã-Bretanha, para além de outras tropas, quatro divisões do *US-Army*, a 1<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup> e 34<sup>a</sup> divisões de infantaria e a 1<sup>a</sup> divisão blindada, no total cerca de 157 mil homens (isto por entre submarinos alemães e **sem baixas!**).<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> *Correspondência*, pp.76-78.

<sup>4</sup> Sublinhados meus.

<sup>5</sup> Clay Blair, *Der U-Boot-Krieg, 1939-1942. Die Jäger*. Edição original, *Hitler's U-Boat War. The Hunters 1939-1942*, Random House, NY. Edição alemã, Bechtermüntz, Augsburg, 1998, p. 290.

As tropas de desembarque para a operação «*Torch*» foram transportadas em 500 navios, sob escolta de 350 unidades da *US-Navy* através do Atlântico para o Norte de África,<sup>6</sup> com poucas baixas.

Não se compreende por que razão não seria possível a abertura de uma segunda frente em França, em 1942, no momento da concentração das forças anglo-americanas. As fortificações no canal, a chamada «*Atlantik Wall*», não eram inexpugnáveis, como se veio a comprovar em 1944.

A ideia de que a operação «*Torch*» representaria um alívio para o Exército Vermelho, só podia provocar espanto no QG e no Estado-Maior soviéticos. No momento da troca de telegramas encontravam-se estacionados no Norte de África quatro (4!) divisões alemãs e 12 italianas, 14 (catorze!) divisões no total. Nesta mesma altura, encontravam-se na frente germano-soviética 179 divisões alemãs, 22 romenas, 14 finlandesas, dez italianas, 13 húngaras, uma eslovaca e uma espanhola, no total **240** divisões!

Por trás da argumentação de Churchill havia outra coisa. A ofensiva contra o *Afrikkakorps* tinha como objectivo afastar os fascistas do Canal do Suez, derrotá-los, e pressionar a Itália e a Turquia. Isto era do interesse dos imperialistas britânicos, para manter abertas as vias de comunicação para o seu império colonial, principalmente para a Índia, assim como para os campos petrolíferos do Médio Oriente e para os Balcãs.

No contexto da II Guerra Mundial, África foi um teatro secundário. Apesar de todas as afirmações de historiadores militares britânicos e alemães ocidentais, a vitória das tropas britânicas em El Alamein, a 20 de Novembro, (a conquista de Bengasi por tropas britânicas) nem foi decisiva para a guerra, nem provocou a «*mudança fundamental*» na II Guerra Mundial. Segundo Tippelskirch «*os acontecimentos no Norte de África, no contexto dos acontecimentos gerais, tiveram uma ampla importância*» apesar de «*o exército alemão, e através dele o povo alemão, ter sido muito mais afectado pela catástrofe de Stalingrado*».<sup>7</sup>

O 8.º Exército inglês em El Alamein só possuía sete divisões motorizadas, três divisões blindadas e sete regimentos blindados autónomos. As unidades germano-italianas que se lhe opunham eram ainda mais fracas.<sup>8</sup>

Mesmo do ponto de vista dos interesses britânicos, as batalhas de Stalingrado e no Cáucaso foram muito mais importantes do que as do Norte de África. Depois das suas vitórias no Cáucaso os fascistas iriam avançar para a Pérsia e a Índia, como era desejo de Hitler. Conquistadas as regiões petrolíferas na Ásia Central, as tropas fascistas alemãs abalariam o domínio britânico no Médio Oriente e na Índia, onde já existiam forças pró-fascistas e antibritânicas. Será que as tropas anglo-americanas o teriam impedido? Isso continuará a ser uma matéria para especulação.

Aqui trata-se tão só de constatar que a batalha decisiva da II Guerra Mundial se cristalizava em Stalingrado. Do resultado desta batalha dependia, no verdadeiro sentido da palavra, não só o destino da União Soviética, mas também dos parceiros da coligação antinazi.

---

<sup>6</sup> Deborin, *ibidem*, p. 290.

<sup>7</sup> Tippelskirch, *ibidem*, p. 268.

<sup>8</sup> Deborin, *ibidem*, Vol. 6, pp. 257-265.

Num aspecto, Churchill tinha certamente razão. Uma incursão no Norte de África não seria possível sem baixas. E uma tal operação de desembarque também não estava isenta de riscos. Como se na guerra existissem operações «*sem risco*»! Na realidade era do interesse britânico poupar as suas forças armadas e esperar que o Exército Vermelho sofresse as baixas, para, no final da guerra, quando o Exército Vermelho e a *Wehrmacht* estivessem suficientemente enfraquecidos, aparecerem no campo de batalha com forças frescas. Naturalmente que Churchill não podia escrever tal coisa a Stáline. Mas outros disseram-no muito abertamente.

Pode-se resumir a estratégia de Churchill do seguinte modo: segunda frente sim, mas só quando as forças alemãs e o Exército Vermelho estivessem enfraquecidos, ao ponto de uma invasão ser possível com risco baixo e poucas baixas.

Sobre a possibilidade de abrir uma segunda frente em França, em 1942, o almirante Kuznetsov escreveu nas suas memórias: «*A maior polémica rebentou em 1942. Houve uma troca de opiniões sobre a abertura da segunda frente em Agosto de 1942, durante a estadia de Churchill em Moscovo. Apesar de esta questão ter sido decidida positivamente em Junho de 1942, durante a estadia de Molotov em Londres, o primeiro-ministro britânico declarou em Moscovo que uma tal operação não era de esperar num futuro próximo. Contudo, a abertura de uma segunda frente nunca tinha sido tão necessária como nesse difícil e inesquecível Verão de 1942.*

*Os aliados ocidentais não queriam abrir a segunda frente em 1942, como se a situação não o exigisse com urgência e não tivessem sido tomadas decisões sobre isto. Este facto é indiscutível.*

*Sobre a possibilidade do desembarque de tropas em França, quero expor a minha perspectiva em poucas palavras.*

*Hoje o mundo sabe que o adiamento da abertura da segunda frente foi determinado por puras considerações políticas. A fórmula de “não intervir na luta entre os alemães e os russos, enquanto não existir necessidade urgente” funcionou sem problemas. Enquanto comandante-em-chefe da marinha de guerra da URSS, só quero aqui referir o lado militar deste assunto.*

*Em 1942, a maior parte das tropas fascistas estava ocupada na frente soviético-alemã. Face às pesadas baixas sofridas, o comando fascista teve de prescindir do número necessário de divisões em França. Estes factos, que constituíam a base para a abertura da segunda frente em 1942, eram bem conhecidos de Churchill e Roosevelt.*

*O perigo de as tropas aliadas desembarcarem em França também foi reconhecido pelos generais fascistas. Depois da acção do comando inglês em St. Nazaire, em Março de 1942, Hitler convocou de imediato uma reunião. Todos os generais presentes referiram a necessidade de reforçar as tropas na costa francesa. O número relativamente baixo de unidades devia ser compensado com a aviação e a marinha e através da construção de fortificações.*

*As tentativas de desembarque dos aliados ocidentais na costa norte francesa, perto de Dieppe, acentuaram o receio alemão a respeito da abertura da segunda frente na Europa ocidental. Contudo a Grã-Bretanha e os EUA nunca equacionaram sequer a abertura da segunda frente em 1942.*

*O show em Dieppe servia apenas para mostrar ao aliado soviético e também aos seus próprios povos, que exigiam a abertura da segunda frente, que um desembarque duradouro no continente europeu era impossível em 1942.*

*Com efeito a acção de Dieppe, em Agosto de 1942, não foi uma operação militar com objectivos de grande alcance, mas sim uma manobra política das potências ocidentais para provar a impossibilidade de abrir a segunda frente na Europa ocidental em 1942. Todavia, os factos confirmam que, quando o nosso governo exigiu a abertura em 1942 da segunda frente na Europa ocidental contra a Alemanha fascista, havia possibilidades reais de a iniciar. Os aliados preferiram, porém, desembarcar em África e deixar a fardo principal da guerra contra o fascismo sobre os ombros da União Soviética.*

*Os dirigentes políticos da Grã-Bretanha e dos EUA não queriam precipitar-se com a abertura da segunda frente, enquanto no principal teatro de guerra na Europa de Leste não tivesse ocorrido uma mudança definitiva para um ou outro lado. Vários memorialistas e outros publicistas ocidentais escreveram sobre isto detalhadamente.*

*Quando a Ocidente se pensava na segunda frente, pesava-se também a situação no Extremo Oriente. Os EUA desejavam em segredo que o Japão viesse também a atacar a União Soviética. Se isso tivesse acontecido, a América teria conseguido orientar o ataque no Pacífico, sua esfera de interesses, na nossa direcção.*

*Entre as diferentes razões para o adiamento da segunda frente, pesou também a opinião de alguns influentes militares britânicos de que a União Soviética seria brevemente derrotada.*

*Por isso a missão militar britânica em Moscovo não tinha como tarefa principal o rápido esclarecimento de questões relacionadas com a ajuda ao seu aliado. Círculos britânicos influentes interessavam-se por outros assuntos, nomeadamente pela situação na frente soviético-alemã. Queriam saber quanto tempo o Exército Vermelho se aguentaria.*

*Nós defendíamos o ponto de vista fundamentado de que a Grã-Bretanha podia pressionar a Norte as forças fascistas com a sua poderosa frota. A zona marítima do fiorde de Varang era propícia para acções, pois aqui passava a rota marítima do adversário para Kirkenes e Petsamo. De acordo com o estado-maior da nossa marinha de guerra, o adversário era especialmente vulnerável nesta área.*

*Segundo me recordo, depois da troca de mensagens entre os chefes de governo da URSS e da Grã-Bretanha, procurei saber junto do contra-almirante Miles o que pensavam fazer na prática a este respeito os almirantes britânicos. Depreendi das suas cuidadosas afirmações que não seria de esperar nenhuma acções sérias por parte da marinha britânica. O seu apoio limitava-se, por enquanto, ao envio de caça-minas e submarinos para Arkhanguelsk, para ajudar a manter as escoltas aos navios. Além disso, a 30 de Julho, aviões britânicos atacaram Kirkenes e Petsamo, a partir de porta-aviões, e no início de Agosto entraram na bacia do Kola dois submarinos – Tigris e Tridente. A marinha dos “Senhores dos Mares” oferecia ao seu aliado escassa ajuda! Mais êxito tiveram as negociações sobre as escoltas.»<sup>9</sup>*

---

<sup>9</sup> N. G. Kusnetsov, *Gefechtsalarm in den Flotten (Alarme de Combate nas Frotas)*, Moscovo 1971, Berlim 1974, pp. 243-245.

### «Lend and lease» – PQ 17<sup>10</sup>

Afirma-se repetidamente que a vitória da União Soviética sobre os agressores fascistas só foi possível graças à ajuda material, aos fornecimentos de equipamento militar e mantimentos, dos EUA e da Grã-Bretanha.

Em primeiro lugar não se efectuaram só fornecimentos numa direcção, de Oeste para Leste, mas também na direcção contrária. Apesar da sua situação económica extremamente difícil, a União Soviética enviou matérias-primas para os EUA e Grã-Bretanha.

E foi precisamente no período de 1941/42, quando mais precisou de equipamentos militares, aviões, tanques, veículos, etc., em particular antes e durante a batalha de Stalingrado, que a União Soviética recebeu menos.

De acordo com relatórios oficiais dos EUA, a União Soviética recebeu, no último quartel de 1941, dos EUA e da Grã-Bretanha, 750 aviões, entre os quais cinco bombardeiros, 501 tanques e canhões antiaéreos ligeiros. De acordo com o protocolo deviam ter sido fornecidos 1200 aviões, inclusive 300 bombardeiros, 1500 tanques e 50 canhões antiaéreos.

Segundo o historiador americano Ivan Spector, o Exército Vermelho dependeu quase exclusivamente de recursos soviéticos até meados da Primavera de 1943.<sup>11</sup> No total, os fornecimentos à União Soviética durante toda a guerra cifraram-se em cerca de quatro por cento (4%!) da produção bélica soviética.<sup>12</sup> A diferença entre os dados soviéticos e os dos historiadores burgueses resulta, essencialmente, de que estes utilizam as informações dos relatórios, enquanto os historiadores soviéticos mencionam o que realmente chegou e o estado em que o material se encontrava.

Sobre a quantidade e qualidade dos fornecimentos, Júkov escreveu:

*«A ajuda muito badalada dos aliados, segundo o Acordo Lend-Lease, só chegou em pequenas quantidades, que estavam muito longe do que tinha sido prometido. Naturalmente que as entregas de pólvora, gasolina de alta qualidade, alguns tipos de aço, veículos e mantimentos eram necessárias e, sem dúvida, tiveram um papel positivo. Contudo, a sua quota no total das necessidades do nosso país foi insignificante. Teríamos precisado de fornecimentos muito maiores. Mas até no material fornecido havia queixas. Os nossos condutores de tanques e pilotos não apreciavam*

---

<sup>10</sup> Lei de Arrendamento e Empréstimo, assinada pelo presidente Roosevelt em 11 de Março de 1941. De acordo com esta lei, os EUA forneciam armas e outros equipamentos militares aos Estados cuja direcção da guerra fosse do interesse dos EUA. Estes fornecimentos, contudo, não se faziam sem condições. Os EUA exigiam em troca bases nesses países. A Grã-Bretanha, por 50 antiquados contratorpedeiros teve de entregar aos EUA 50 bases a longo prazo no hemisfério norte. Um negócio destes com a URSS não era possível. No entanto, realizaram-se fornecimentos acordados. PQ, escoltas que partiam da Grã-Bretanha e dos EUA com direcção a Murmansk ou Arkhanguelsk. Normalmente eram constituídas em águas islandesas. PQ 17, ou seja, escolta n.º 17 da Islândia para Murmansk. QP, escoltas que faziam o caminho inverso.

<sup>11</sup> I. Spector, *An Introduction to Russian History and Culture*, Toronto, New York, London, 1950, p. 350.

<sup>12</sup> Deborin, *ibidem*, p. 515.

*os modelos estrangeiros. Especialmente os tanques com motores a gasolina foram recusados por se incendiarem como tochas.»<sup>13</sup>*

A 12 de Setembro de 1942, quando o exército alemão se encontrava junto a Stalingrado e avançava na direcção do Cáucaso, Stáline manifestou a sua indignação a respeito do fraco apoio dos aliados: «*O povo soviético dá centenas de milhares de vidas na luta contra o fascismo, enquanto Churchill regateia meia dúzia de Hurricane [caça britânico inglês antiquado, UH]. Ainda por cima estes aviões são uma porcaria. Os nossos pilotos não gostam deles.*»<sup>14</sup>

O general Gretschnko cita de um relatório de um comandante na Frente do Cáucaso: «*As características dos tanques americanos, com os quais algumas tropas soviéticas estavam equipadas, não eram muito boas. O comandante do 131.º regimento blindado, coronel Tichontchuk, que actuava com o 4.º corpo de cavalaria na região de Mosdok, informou a 14 de Dezembro de 1942: "Os tanques americanos são significativamente piores na areia. As lagartas caem permanentemente, os tanques ficam presos na areia e perdem força. Como os canhões de 75 mm estão montados num escudo, não podem girar como numa torre. Para disparar é preciso virar o tanque na direcção do adversário, com risco de se atascar. Tudo isto limita muito a eficácia do fogo.*»<sup>15</sup>

Os pilotos soviéticos queixavam-se dos defeitos dos aviões de caça tipo «*Kitty Hawk*» fornecidos pelos EUA. «*Estes aviões tinham motores (ball bearing motor) construídos com uma liga de prata. Estes motores avariavam-se frequentemente.*» Os «*Kitty Hawk*» estavam mais em terra do que a voar.<sup>16</sup>

Na sua carta a Roosevelt de 7 de Outubro de 1942, Stáline escreveu que podiam prescindir temporariamente dos fornecimentos de tanques, peças de artilharia, munições, pistolas. Necessário era o fornecimento do moderno caça «*Aircobras*». O «*Kitty Hawk*» não estava à altura dos caças alemães. Na resposta Roosevelt esclareceu que «*toda a produção de "Aircobras" vai imediatamente para a frente*», ou seja para o Norte de África. A URSS não podia receber estes aviões.<sup>17</sup>

Numa outra carta para Roosevelt, de 18 de Julho de 1942, Stáline referiu os defeitos dos tanques americanos:

*«Aproveito a oportunidade para lhe agradecer o envio do fornecimento adicional de 115 tanques.*

*Considero ser meu dever alertar para o facto de que, como afirmam os nossos especialistas na frente, os tanques americanos se incendiam muito facilmente quando são atingidos por balas de armas antitanque por trás ou de lado. Isto acontece porque a gasolina de elevada qualidade usada nos tanques forma uma camada densa de vapores altamente inflamável. Os tanques alemães também usam gasolina, mas esta é de qualidade inferior e por isso não forma tantos vapores, sendo*

---

<sup>13</sup> Júkov, Vol. 2, p. 41.

<sup>14</sup> Idem, ibidem, p. 31 e seg.

<sup>15</sup> Gretschnko, ibidem, p. 252.

<sup>16</sup> A. G. Golovko, *Zwischen Spitzbergen und Tiksibucht* (Entre Spitzbergen e Tiksibucht), Moscovo, 1979/Berlin, 1986, p. 88. O almirante Golovko foi comandante da frota do Mar do Norte.

<sup>17</sup> Correspondência, ibidem, pp. 496 e 498.

*menos inflamável. Os nossos especialistas são da opinião de que os motores diesel são os mais adequados para os tanques.»*<sup>18</sup>

O tenente general N.A. Antipenko, que desde de Junho de 1942 foi o representante de Rokossóvski para os serviços de retaguarda na Frente de Briansk, responsável pelo equipamento, alimentação, vestuário, combustível, munições, etc., queixou-se da qualidade das botas de cabedal fornecidas pelos EUA. Eram «*de baixa qualidade*». O peito do pé era muito baixo e as solas rompiam-se facilmente. Os soldados preferiam calçar as velhas botas remendadas do que as novas estrangeiras.<sup>19</sup>

Os fornecimentos «*lend and lease*» também se sujeitavam às leis do mercado da economia capitalista. O que já não podia ser vendido no mercado interno, podia ainda ser realizado sob o «*lend and lease*», com a vantagem de o governo soviético ter ainda de agradecer.

\*\*\*

O trágico destino do comboio de navios PQ17 ficou na história.

O maior comboio de navios até àquela data zarpou da Islândia para Murmansk a 27 de Julho de 1942. Contava 35 grandes cargueiros cheios de carga, três navios de salvamento e dois navios tanque para abastecimento de combustível. Foi escoltado por 62 navios de guerra: um grupo de segurança com 21 unidades britânicas, constituído por seis contratorpedeiros, quatro corvetas, dois submarinos, três caçaminas, dois cruzadores com canhões antiaéreos, quatro *ASW Trawler* (caça-submarinos); um grupo de cruzadores com sete unidades aliadas, constituído por dois cruzadores pesados britânicos, dois cruzadores pesados americanos, um contratorpedeiro britânico, dois modernos contratorpedeiros americanos; uma defesa remota com 19 unidades aliadas: um porta-aviões britânico, um couraçado, dois cruzadores, 12 contratorpedeiros britânicos, um couraçado americano, dois contratorpedeiros americanos; uma vanguarda do comboio de navios, constituída por 15 submarinos, dos quais oito britânicos, um francês e seis soviéticos. Não havia registo de uma tal escolta na história da guerra naval. As unidades de escolta anglo-americanas eram cinco vezes superiores à esquadra alemã estacionada no Norte da Noruega, que incluía o mais moderno couraçado alemão, o «*Tirpitz*».

A 4 de Julho iniciaram-se ataques de submarinos alemães e aviões, que partiram do Norte da Noruega. O comboio de navios teve «*algumas baixas*», segundo Chtemenko, «*poucas baixas*», segundo Blair.

O almirante britânico responsável (*First Sea Lord*), Dudley Pound, **supôs (!!!)** que o «*Tirpitz*» e outros dois cruzadores, o «*Admiral Scheer*» e o «*Admiral Hipper*», tivessem zarpado a 4 de Julho, acompanhados por sete contratorpedeiros e dois torpedeiros. Juntamente com os submarinos e os aviões podiam atacar o comboio de navios com consequências catastróficas. Ordenou que o grupo de cruzadores abandonasse o comboio e voltasse para Sudoeste. O comboio devia dispersar-se e os cargueiros deviam **tentar!!!**, sozinhos, atracar nos portos soviéticos.

---

<sup>18</sup> Idem, ibidem, p. 490.

<sup>19</sup> Antipenko, ibidem, p. 331.



A 15 de Julho, depois de ter recebido a informação da mudança de rota dos cruzadores, o grande-almirante Raeder mandou sair as unidades alemãs. Os cargueiros do PQ17 indefesos estavam à mercê dos três couraçados alemães, dos submarinos e dos aviões. Só o submarino soviético K 21, comandado pelo capitão-de-fragata N. A. Lunin, atacou o «*Tirpitz*» com dois torpedos que acertaram no alvo. Ao fim de seis horas e meia a esquadra alemã regressou à Noruega.

O balanço: 24 cargueiros afundaram-se com 3350 camiões e outros veículos, 450 tanques, 210 aviões, 100 mil toneladas de material de guerra; 153 marinheiros da marinha mercante aliada encontraram a morte.

Nos portos soviéticos puderam ser desembarcados 896 veículos, 164 tanques, 87 aviões, 57 mil toneladas de outro material militar.<sup>20</sup>

A 18 de Julho, Stáline recebeu de Churchill a notícia de que os peritos da marinha britânica «*lamentavam ter chegado à conclusão de que uma tentativa de enviar o próximo comboio de navios PQ 18 não lhe traria nenhum benefício e só teria como consequência a completa perda para a causa comum.*»<sup>21</sup> Seguiu-se a consoladora «*garantia*» de «*retomar*» o comboio de navios na rota de Murmansk, «*quando tivermos possibilidade, quando existir a oportunidade real de que, pelo menos, uma parte substancial dos bens a ser transportados lhe chegue às mãos.*»<sup>22</sup>

Na sua resposta a Churchill, de 23 de Julho, Stáline declarou que «*os nossos peritos consideram pouco convincentes os argumentos dos peritos da marinha britânica para se suspender o fornecimento de material de guerra aos portos do Norte da URSS. Estão convencidos de que, com boa vontade e disposição para cumprir as obrigações assumidas, seria possível efectuar as viagens regularmente com grandes baixas dos alemães. A ordem do almirantado britânico ao comboio PQ 17, de abandonar os cargueiros e regressar a Inglaterra, e aos cargueiros para se dispersarem e sem escolta tentarem alcançar individualmente os portos soviéticos é incompreensível e inexplicável para os nossos peritos. Naturalmente não sou da opinião de que é possível um transporte regular para os portos a Norte da URSS sem riscos e sem baixas. Mas em tempo de guerra não é possível realizar nenhuma grande tarefa sem risco e sem baixas. É, naturalmente, do seu conhecimento que a União Soviética sofre baixas incomparavelmente maiores. Em todo o caso, nunca pensei que o governo britânico nos negasse exatamente neste momento o fornecimento de material de guerra, de que a União Soviética necessita com especial urgência dada a gravidade da situação na frente soviético-alemã. Evidentemente que os fornecimentos através dos portos persas não compensam de maneira nenhuma as perdas que resultarão da recusa de transporte na rota Norte.*»<sup>23</sup>

Além do governo soviético, também Roosevelt apresentou um protesto veemente contra esta decisão incrível do almirantado britânico. Só em Setembro voltou a partir da Islândia um novo comboio de navios na rota de Murmansk. O comboio seguinte só partiu em 22 de Dezembro. O PQ 19 zarpu da Islândia e chegou sem baixas ao porto soviético previsto.

---

<sup>20</sup> Blair, *ibidem*, pp. 905-906; Chtemenko, Vol. 2, *ibidem*, pp. 21-24; Golovko, *ibidem*, pp. 91-105.

<sup>21</sup> Correspondência, *ibidem*, p. 66.

<sup>22</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 66 e seg.

<sup>23</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 69 e seg.

A decisão de Pound justificou-se do ponto de vista militar? Dada a superioridade da escolta do PQ 17 face às unidades alemãs, o «*Tirpitz*» e os dois pesados cruzadores, não havia razão para mudar de rota. Por ordem de Hitler, os dispendiosos couraçados não podiam ser colocados em situação de risco, o que explica a mudança de rota das unidades alemãs ao fim de seis horas e meia. As razões daquela ordem irresponsável não foram de natureza militar, mas sim política.

Chtemenko referiu que entre os dirigentes britânicos havia inimigos declarados da União Soviética, aos quais pertencia Pound. O ministro da indústria aeronáutica, Moore-Brabazon, era claramente hostil à URSS. Em segredo, retardou fornecimentos de material de guerra. Churchill foi obrigado a exonerar este senhor, por pressão da opinião pública britânica.

Havia naturalmente também outros membros do governo britânico que não nutriam especial simpatia pela URSS, mas que estavam dispostos a uma cooperação pragmática, como Lord Beaverbrook, o ministro da Marinha, Alexander, e o chefe do estado-maior da força aérea, Deal. O contra-almirante britânico Philips pertencia aos simpatizantes da União Soviética.<sup>24</sup>

O almirante Pound foi sem dúvida o responsável pela tragédia do PQ 17, incluindo a morte de marinheiros britânicos. Normalmente, tal almirante deveria ser levado perante um tribunal militar.

Com efeito, a coligação anti-hitleriana não estava livre de contradições ideológicas que, em situações extremas, provocaram prejuízos significativos na luta antifascista e exigiram sacrifícios desnecessários em vidas humanas.

---

<sup>24</sup> Chtemenko, vol. 2, *ibidem*, p.24.